

Entre a história verdadeira de alguém que, um dia, matou um homem em condições desesperadas e o filme que agora corre em Lisboa vão histórias diversas: a do autor/protagonista do crime, a do escritor e do seu romance, a do cineasta e do seu filme. Foi assim que vimos «A Balada da Praia dos Cães»: três vozes para uma história só

estreias

Três vozes para uma Balada

Maria João Avillez

José... O capitão parecia cada vez mais estar na posição de liquidar a Maria José... E nós já tínhamos percebido há muito que tudo o que ele dizia eram mentiras: não tinha contactos nenhuns, ninguém apareceu nunca para nos ajudar, estávamos num beco sem saída.»

A saída foi, afinal, a «única possível»: matar Almeida Santos, cada dia mais inquieto e demasiado inquietante, projectando uma sombra de terror na casa da Rinchoa e envolvendo num manto de loucura os corpos e as almas dos seus três companheiros.

Valente e Marques Gil puxam diversas vezes o gatilho sobre Almeida Santos, sentado nesse momento na sala incomfortável da grande casa, lendo ao fim da tarde o que restava de um jornal já muito lido...

«Foi um imenso alívio... mas quem mais extravasou na altura esse sentimento foram a Maria José e a mãe... Depois? Depois entrámos logo em desabafos...»

Um final que acabou por ser o princípio de um outro calvário que só terminaria às

mãos da(s) polícia(s): fugas sobressaltadas pelo país, notícias desencontradas, chamadas telefónicas ofegantes e em código, semiajudas, recados em bilhetes sujos e mal escritos e, sobretudo... uma imensa solidão. Sobrepondo-se por cima de tudo isto, a paixão imensa da Maria José por Jean-Jacques Valente, germinada, nascida e nunca consumada naqueles dias conturbados de ansiedade e pânico.

Maria José é presa e quando «posta a pão e água» — como recorda António Gil — confessa o paradeiro do cabo e do médico. Seguem-se para o primeiro doze anos e meio de prisão e para o segundo onze anos e meio. Maria José é posta em liberdade pouco tempo depois: viveu apenas dentro das grades da cadeia cerca de ano e meio. Antes, porém, houvera a reconstituição, o vaivém entre a Judiciária e a Pide, o tribunal, o julgamento. Houve ali aquilo a que António Gil chama «aquela coisa tão repetida e causticante durante semanas e semanas...»

Na prisão, António Gil viveu «anos tão duros que

apõe, com os nervos

e realidade

de uma massa humana é, afinal, no contacto com a sua própria vida que busca o resto para continuar vivo

para a escrita, especialmente os dias no «recorrido total onde a polícia durava dois anos e

durante esse tempo — como recorda António Gil — ficava totalmente incomunicável

o silêncio opressivo descreve também outros momentos da vida de António Gil escreve: «mas será apenas de uma primeira versão, desta história to-»

«mas se resultava poe-»

«mas se resultava poe-»

após a saída do romance de José Cardoso Pires, A Balada da Praia dos Cães.

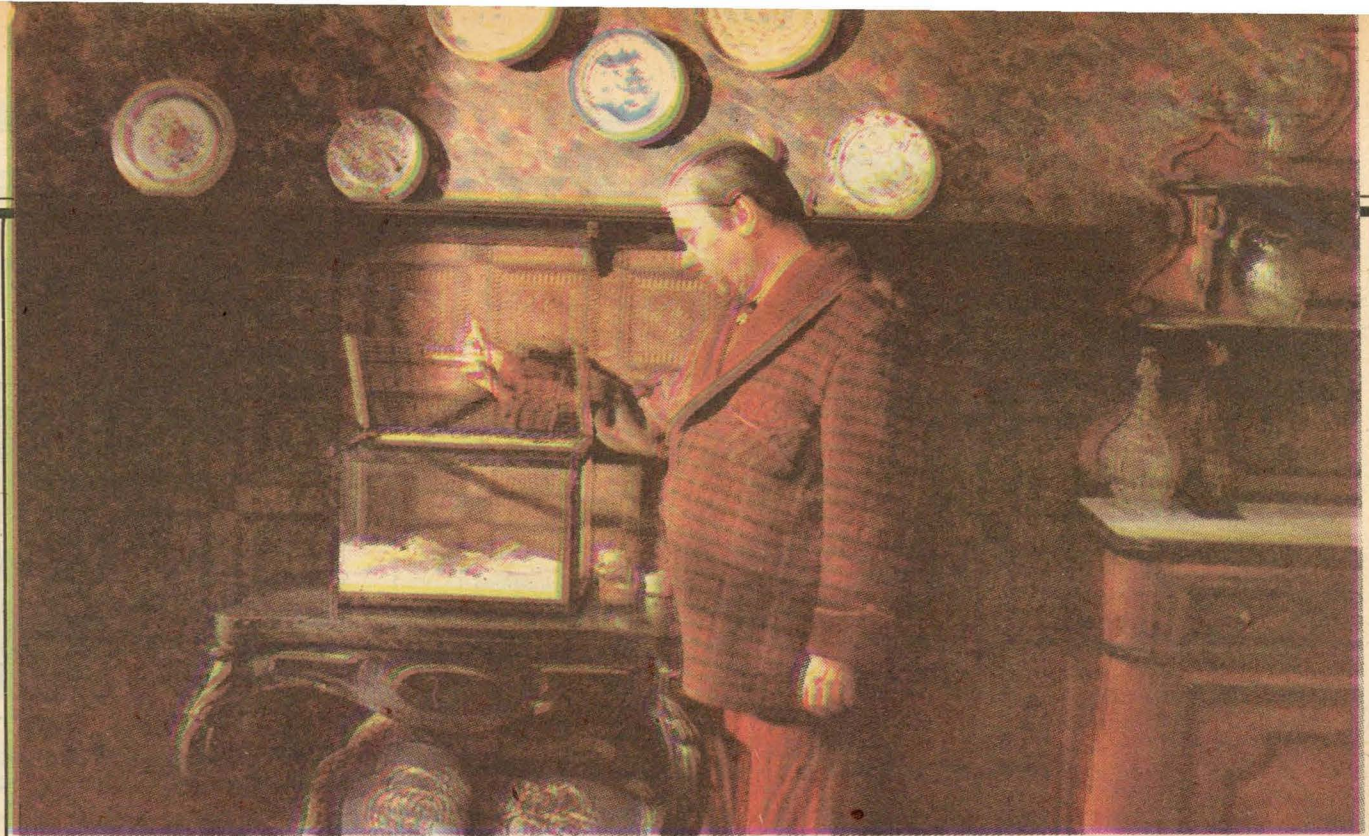
Mas António Gil não se fica por aí: influenciado pelo estrondoso êxito de Papillon de Henri Charrière, escreve desta feita as suas memórias do cárcere. É um livro que actualmente a Editora Caso tem nas mãos, de nome Penitenciária de Lisboa, Cella 2, e que um dia António Gil espera ver nas montras das livrarias.

Assim como deseja também que «outro dia» alguém lhe edite os Contos para Crianças que ele já escreveu... bem como um outro romance, «mais profundo e volumoso» sobre o modo «como ele viu e sentiu o 25 de Abril».

Escritor nas horas vagas, hoje, este electricista de uma fábrica de papel em Setúbal, onde vive com a mulher e um filho de sete anos, foi de novo confrontado com o drama que viveu há 27 anos. Desta feita, através das imagens do filme de José Fonseca e Costa, que ele viu uma destas manhãs num cinema de Lisboa, numa projecção que lhe era especialmente dedicada.

«Gostei muito do filme... Bem, foi por vezes desagradável reviver alguns passos, mas é inegável que é um bom filme e que, sobretudo, se aproxima extraordinariamente da realidade que eu vivi... (sorri) Claro que a personagem do Elias Santana é totalmente inventada, já o era no livro de Cardoso Pires, o chefe que eu conheci não era nada daquilo... E a Maria José também me surge no filme algo mais decidida, mais mulher de armas... Ela na vida não era bem assim. Era uma gatinha mais sensual, mistura de inocência e de feminilidade... No filme, ela parece mais liberal, mais desenvolta.

António Gil considera que o filme de Fonseca e Costa está muito «mais perto» da verdade que ele sabe e viveu, do que o livro de Cardoso



Ao realizar «A Balada da Praia dos Cães», José Fonseca e Costa quis fugir à reconstituição da história, apostando mais no envolvimento dos personagens, incluindo o próprio inspector — «magistralmente interpretado pelo Raul Solnado»

Pires. «No livro» — e diz isto com uma certa nostalgia na voz grossa —, a sua figura «é de um quase segundo drama...»

«O livro é discriminatório para mim», diz com segurança e com vontade de não ir mais além. E lamenta que a sua ex-companheira de outros tempos e de idas aventuras não tenha, ela também, aceitado o convite do EX-PRESSO para ver o filme com ele.

«Quando saí da prisão, fui uma ou duas vezes a casa da

Maria José. Mas a Maria José desse tempo já nada tinha a ver com aquela rapariga que vivera o mesmo drama...»

Cardoso Pires: «A história de um certo clima»

É um facto: José Cardoso Pires não quis conhecer «nem a mulher, nem o cabo» da história real.

«Essa história — diz-me ele hoje — está no 'Diário de Notícias' da época. Não, não recorri ao material vivo, porque isso me cingiria a contar uma história: o estar em face deles era comprometedor para a minha liberdade. E, sobretudo, o que me interessou desde o início foi fazer a história de um certo clima de terror com todos os seus condimentos, o 'voyeurismo', a masturbação, a mitomania, a mitificação... A ficção à roda daquele país inventado e do mundo 'huít-clos' que eles viveram os quatro.»

Um dia, já muito distante no tempo, Cardoso Pires recebe um telefonema de Lígia Monteiro, sugerindo-lhe que lesse um relato que tinha em seu poder, da autoria de Jean-Jacques Valente, sobre este caso. O escritor lê essas folhas, guarda-as na gaveta e na memória, espera.

«Passados anos, persistia sempre em mim a tentação de fazer alguma coisa, escrevi uma primeira versão. No entanto... algo me assustava. A história era evidente de mais, forte de mais. Já em 80, anos depois, fiz mais duas versões.»

Após algum tempo, surge finalmente a versão última, aquela que contém os halos possíveis de uma incidência sobre um fenómeno muito concreto». Cardoso Pires viu já, mais de uma vez, o filme extraído do seu livro:

«Um filme é uma leitura e sempre fui partidário de que ele tem que ser livre. O que espero do filme é encontrar aquilo que não disse com uma nova dimensão. Tenho a ideia de que uma obra de arte só tem realidade se provocar sobreposições sucessivas na sua leitura. É essa sedimentação, esse desgaste da matriz, essa corrupção sucessiva, que vai dando garantia ao que se faz em literatura. Ou em arte!»

Sim, José Cardoso Pires é o primeiro a confessar que, à primeira vista, o filme o chocou. Era «nu de mais».

Mas não concorda ele também que «essa primeira reacção foi em si natural?» Não estava, afinal, o escritor policiado por ele próprio, no primeiro embate que teve com as imagens de Fonseca e Costa?

«Na segunda visão, sucedeu o contrário: encontrei uma força de clima muito grande, e sem artifício, de onde se desprendia uma certa luminosidade. Penso ainda que não se pode pensar nunca em fidelidades de linguagens mas sim em climas de linguagens.»

Fonseca e Costa: uma galopada de oito semanas

Curioso homem este: vaidoso e tímido, frágil e determinado, brigão e sedutor, leve e grave...

Capaz de levar as apostas mas também a teimosia até às últimas consequências.

«Li o livro e gostei. Mexia com muitas coisas do meu passado e propunha um personagem fascinante, o Elias Santana, um homem só, povoado de fantasmas e que apenas dialoga com um lagarto...»

Ao ler o romance de Cardoso Pires, José Fonseca e Costa estava já a ver o (seu) filme. Como quase sempre lhe sucede, de resto: à leitura dos outros muitas vezes se sobrepõem as suas imagens... Desta feita, e ao contrário do que aconteceu nas últimas duas vezes, Fonseca e Costa conseguiu filmar a partir de um texto de Cardoso Pires: O Anjo Ancorado e O Del-fim ficaram pelos caminhos sempre tortuosos e, sobretudo, inexploráveis do cinema português...

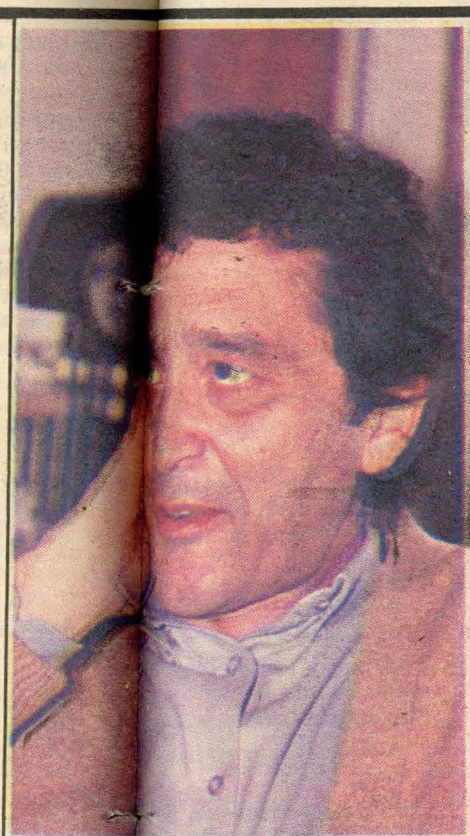
A Balada da Praia dos Cães saiu — felizmente... — das latas para os «écrans»... -ei-lo agora a reviver certos passos dessa galopada ofegante, filmada em apenas oito semanas, «Rebentou comigo e com a equipa...» quando teriam sido necessárias pelo menos... dez. «Bem... (sorriso irónico) não sou o cineasta 'attitré' do Zé Cardoso Pires, mas este filme fez-se! Foi o resultado de um impulso: li, gostei, telefonei-lhe, comprei os direitos. Havia mais gente interessada, mas prevaleceu a amizade e o respeito mútuos.»

Contas saltadas

Fonseca e Costa considera que o ter filmado esta Balada

(Continua na pág. 54-R)

53-R



José Cardoso Pires, Fonseca e Costa e o ex-cabaleiro António Gil com Maria João Avillez: um livro, um filme, uma morte longínqua